

As irmãs – ou seriam amigas? – de Shakespeare: descobrimo e lendo mulheres escritoras da modernidade nascente inglesa

Aline Fernandes Thosi (UERJ/CAPES)ⁱ

RESUMO

Em um de seus ensaios feministas intitulado *Um teto todo seu* (1929), Virginia Woolf (1882-1941) questiona a aparente ausência de mulheres escritoras no Renascimento inglês. A indagação de Woolf é pertinente, uma vez que a literatura masculina era, irrefutavelmente, dominante na modernidade nascente. O presente artigo propõe um retorno à era do Bardo – de mãos dadas com Woolf – para que seja feita uma investigação sobre as possíveis autoras inglesas contemporâneas de Shakespeare. A partir dessa investigação, um breve panorama do contexto histórico e do cenário literário feminino na Inglaterra dos séculos XVI e XVII será apresentado.

Palavras-chave: irmãs de Shakespeare; literatura feminina; modernidade nascente; literatura inglesa.

ABSTRACT

In her feminist essay titled *A Room of One's Own* (1929), Virginia Woolf (1882-1941) questions the apparent absence of women writers in the English Renaissance. Woolf's question is pertinent, since male literature was, irrefutably, dominant in early modernity. This article proposes a return to the age of the Bard – hand in hand with Woolf – so that an investigation can be carried out on possible contemporary female English authors of Shakespeare. From this investigation, a brief overview of the historical context and the feminine literary scenario in England in the 16th and 17th centuries will be presented.

Keywords: Shakespeare's sisters; feminine literature; early Modernity; English literature.

Em seu ensaio *Um Teto Todo Seu* (1929), Virginia Woolf (1882-1941) relata sua experiência ao tentar descobrir fatos que descrevessem sob quais condições viviam as mulheres na Inglaterra da era elisabetana. A ensaísta estava determinada a investigar a

ⁱ Graduada em Letras Português/Inglês/Literatura pela Faculdade CCAA. Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ. Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8361-6673> | alinethosi89@gmail.com

aparente escassez de mulheres escritoras na modernidade nascente inglesa: “Assim, fui até a prateleira onde estão os livros de História e apanhei um dos mais recentes: *A História da Inglaterra*, do professor Trevelyan” (WOOLF, 1929, p. 54). O professor citado por Woolf é George Macaulay Trevelyan (1876-1962), importante historiador inglês. A escritora então se direcionou às páginas dedicadas ao capítulo “Posição das Mulheres” e logo encontrou dados sobre a condição de vida da mulher inglesa por volta de 1470. O registro do historiador informou Woolf sobre o direito legítimo do homem inglês do século XV de espancar sua esposa (independentemente de sua classe social). Além disso, a escritora tomou conhecimento de que a jovem que se recusasse a aceitar como esposo o homem escolhido por seu pai poderia ser punida com surras e com isolamento, sem que isso abalasse a opinião pública.

Logo em seguida, a autora começa a descrever o que encontrou no mesmo livro sobre a posição das mulheres cerca de duzentos anos mais tarde, na era Stuart:

Ainda era exceção para as mulheres das classes alta e média escolherem o próprio marido, e, uma vez designado, era amo e senhor, ao menos tanto quanto a lei e os costumes podiam torná-lo. (WOOLF, 1929, p. 54)

Apesar desse cenário, ela menciona a opinião de Trevelyan – com a qual concorda – de que as personagens femininas de William Shakespeare (1564-1616) não “[...] parecem carentes de personalidade e caráter” (WOOLF, 1929, p. 54). A partir desse comentário, Woolf reflete que “De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa de maior importância: [...] tão grande quanto o homem e até maior, para alguns” (WOOLF, 1929, p. 55). No entanto, essa mulher só poderia existir na imaginação; na ficção. Na prática, ela é “completamente insignificante” (WOOLF, 1929, p. 56).

Ao continuar sua pesquisa, a autora relata que é possível encontrar alguns nomes de mulheres específicas, como rainhas ou damas, mas que nada havia sobre mulheres da classe média. Woolf se depara com a falta de diversidade de materiais escritos por mulheres, como peças e poemas, os quais a ajudariam a entender mais precisamente os diferentes papéis das mulheres da época sobre a qual ela estava pesquisando, e não somente de algumas poucas da nobreza. Ela diz: “Mas o que acho deplorável [...] é o fato de não se saber nada sobre as mulheres antes do século XVIII” (WOOLF, 1929, p. 58). Aqui, a escritora nos revela, além de seu interesse, um problema que já foi em grande

parte resolvido por pesquisadores da literatura feminina de países anglófonos: a falta de acesso a informações precisas sobre essas mulheres. Ela continua: “Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano [...]” (WOOLF: 1929, p. 58). Hoje, a recuperação de obras literárias produzidas por mulheres do Renascimento inglês nos revela que houve diversas delas escrevendo não só poesia como muitos outros gêneros literários. Em obras como *Female and Male Voices in Early Modern England* (PRESCOTT; TRAVITSKY, 2000); *A Companion to Early Modern Women’s Writings* (PACHECO, 2002); *Strategies of Rhetorical Violence by Early Modern Women Writers* (SONDERGARD, 2002); *Women Writers in Renaissance England, an annotated anthology* (MARTIN, 2010) – algumas das muitas fontes importantes na pesquisa de mulheres autoras do Renascimento – encontramos ao menos 50 nomes de mulheres escritoras contemporâneas de Shakespeare. Se no mundo anglófono esta pesquisa se fortalece apenas no século XXI, não deve nos surpreender o fato de que no Brasil o universo dessas autoras e suas obras seja virtualmente desconhecido, com raras exceções. De todo modo, em termos da disponibilidade de traduções para o português, não encontramos nada relativo a nenhuma dessas escritoras até o momento.

Woolf deparou-se com o mesmo desafio: a escassez ou a inexistência de material para estudo. Assim, como poderíamos esperar de uma romancista, deixou-se criar um cenário imaginário para mulheres do período: “Permitam-me imaginar, já que é tão difícil descobrir fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos, Judith” (WOOLF, 1929, p. 59). A autora então especula que, ao contrário de Shakespeare, que frequentou a escola tendo acesso a autores como Ovídio (43 a.C-18 d.C), Virgílio (70 a.C-19 a.C) e Horácio (65 a.C-8 a.C), bem como ao aprendizado dos fundamentos da gramática e da lógica, e que se aventurou a tentar a sorte em Londres, onde tornou-se ator, podendo exercer seu espírito humanista, Judith, por sua vez, permaneceu em casa, sem acesso à escola e, portanto, não teve a oportunidade de aprender gramática ou lógica, assim como não teve acesso à leitura de autores como aqueles que seu irmão costumava ler. Judith, talentosa e ansiosa por desenvolver seu lado artístico, talvez tenha, segundo Woolf, tentado rabiscar algumas páginas, mas logo em seguida teria tido o cuidado de se livrar delas. Pouco antes de seus vinte anos, ao ser forçada a se casar, Judith teria fugido de casa e, por ter predileção pelo

teatro assim como seu irmão, se encaminhou a Londres. Contudo, ao chegar às portas dos teatros para tentar a carreira de atriz, se deparou com o escárnio e com as insinuações maldosas dos homens de lá. Engravidou de um empresário que se compadeceu dela e, ao se dar conta de seu destino, suicidou-se. Woolf termina sua história dizendo que é muito improvável que uma mulher da época de Shakespeare tivesse o gênio dele, “Isso porque um gênio como Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e humildes” (WOOLF, 1929, p. 61).

A autora não se enganou: a condição da mulher inglesa dos séculos XVI e XVII era de fato muito limitada. Apesar de variarem de acordo com a classe social, as restrições existiam para todas. Embora tenha lido alguns escritos de mulheres da nobreza da época – como os poemas de Margaret Cavendish, Duquesa de Newcastle-upon-Tyne (1623-1673) e os de Anne Finch, Condessa de Winchilsea (1661-1720), a escritora não acreditava ser possível que conseguissem desenvolver sua veia artística em sua plenitude: “Poder-se-ia esperar encontrar uma dama nobre experimentando um incentivo [...] Mas também esperaríamos constatar que sua mente fosse perturbada por emoções estranhas, como medo e ódio, e que seus poemas revelassem sinais de tal perturbação” (WOOLF, 1929, p. 73). O acesso a uma maior diversidade de obras poderia ter instigado Woolf a vislumbrar outros possíveis desdobramentos para a trajetória de Judith. Ao se deparar com a falta de mais materiais produzidos por mulheres, a escritora precisou confiar no livro de História, mas uma História escrita sem a contribuição da perspectiva feminina.

Manuais de conduta do Renascimento, tais como *The Book of the Courtier* (1528), de Baltasar Castiglione (1478-1529) e *The Education of a Christian Woman* (1523), de Juan Luis Vives (1493-1540), também corroboram a percepção de que seria impraticável para uma mulher da época de Shakespeare desenvolver seus talentos intelectuais e artísticos. O manual de conduta do cortesão de Castiglione conta com um capítulo em que os personagens debatem sobre as características ideais de uma dama palaciana. Na discussão, diferentes opiniões sobre a mulher emergem e nos trazem um melhor entendimento sobre a mentalidade da época. Um dos personagens, o misógino Gaspare Pallavicino, diz, seguindo o preconceito aristotélico, que “[...] quando uma mulher nasce, é um defeito ou erro da natureza [...] assim como no caso de alguém nascer cego ou manco [...]”^{vi} (CASTIGLIONE, 1901 [1528], p. 182, tradução nossaⁱⁱ). No tratado pedagógico de Vives sobre a educação da mulher cristã, encontramos as seguintes instruções: “Uma

mulher deve viver reclusa e não ser conhecida por muitos”ⁱⁱⁱ (VIVES, 2000 [1523], p. 126); “Ela deve manter seus olhos baixos e vai apenas elevá-los raramente e com modéstia e decoro”^{iv} (VIVES, 2000 [1523], p. 128). De fato, a misoginia estava entranhada em todas as esferas da vida pública e privada. Não seria exagero supor que mulheres inglesas do início da modernidade não puderam produzir nada além do que era prescrito a elas.

Entretanto, até mesmo nas obras acima citadas, já é possível identificar algumas ambivalências. O Renascimento foi ocupado por uma *Querelle des Femmes* – debate sobre a condição feminina iniciado na França do século XIV pela autora e editora italiana Christine de Pisan (1363-1430). Pisan foi uma escritora prolífica e produziu mais de 40 obras em diferentes gêneros literários. Seu *The Book of the City of Ladies* (1405) traz uma narrativa alegórica em defesa das mulheres e conta com uma compilação biográfica de mulheres notáveis tanto da história, quanto da mitologia e das Escrituras, e acaba por instaurar a *Querelle des Femmes*, a qual logo se expandiria pela Europa. Dois séculos após as publicações de Pisan, o tópico de discussão ainda se fazia presente: nas obras de Castiglione e Vives, é possível identificar a influência do debate iniciado por Pisan. Em *The Book of the Courtier*, embora as personagens femininas envolvidas na conversa sobre a dama palaciana ideal não sejam tão participativas, o personagem Magnifico Giuliano se mostra um grande defensor das qualidades femininas e também usa o método de Pisan ao trazer exemplos de mulheres da história para fundamentar seus argumentos. Já o livro de Vives, apesar de trazer muitas falas que corroboram a percepção de Woolf sobre as limitações impostas ao corpo feminino e suas terríveis consequências, também traz indícios de um certo avanço da mentalidade Renascentista no que diz respeito à mulher. Na introdução do livro de Vives, o editor e tradutor esclarece que “Quanto à capacidade intelectual das mulheres, Vives não faz distinção entre masculino e feminino e até diz que a mulher muitas vezes supera o homem nesse aspecto”^v (VIVES, 2000 [1523], p. 2).

Ainda assim, a misoginia era claramente predominante e impunha diversas restrições que pretendiam impedir a participação – parcial ou total – das mulheres em diversos âmbitos. Entretanto, é importante destacar que pesquisas mais recentes de historiadores e críticos literários, alguns dos quais mencionados acima, nos mostram, através da análise das obras das autoras, que nem tudo que era prescrito à mulher condizia, de fato, com a prática:

[...] a imposição, frequentemente citada, de que a mulher deveria ser casta, silenciosa e obediente e que deveria confinar seu trabalho criativo às agulhas e linhas ao invés de se aventurar com papeis e canetas, não pode mais ser vista como uma descrição precisa da participação das mulheres na cultura literária da modernidade nascente.^{vi} (EZZEL, 2002, p. 78)

Embora Woolf estivesse correta na sua premissa de que Judith Shakespeare não teria as mesmas oportunidades que seu irmão, tais limitações não impediram que mulheres lessem autores como Ovídio, Virgílio e Horácio, dentre outros autores clássicos e contemporâneos, e nem as impediram de escrever: “Por volta do início do século XVI, a maioria das mulheres de classes alta e média eram capazes de ler e escrever de forma funcional”^{vii} (CHARLTON, 2002, p. 4). Apesar da ideia de “ler e escrever de forma funcional” ser vaga para um estudo mais preciso dos níveis de educação e letramento das mulheres, a análise das obras literárias torna possível compreender esse cenário um pouco melhor. Por exemplo, em sua obra *A Sweet Nosegay, or Pleasant Posy*, publicada em 1573 com a finalidade de melhorar sua situação financeira, Isabella Whitney (c.1546-c.1624), mulher de classe média que trabalhava na casa de aristocratas em Londres, menciona seu costume de ler autores renomados: “Eu simplesmente estava cansada desses livros, / e de muitos outros / Como VIRGÍLIO, OVÍDIO, MANTOVANO / os quais carregam muitas maravilhas^{viii} (WHITNEY, 1573, n.p). Essa passagem é encontrada no início da obra, quando a poeta escreve ao leitor esclarecendo onde buscou inspiração para criar o seu *Nosegay*. Ela se diz cansada de ler a Bíblia, bem como os autores mencionados, e busca novas fontes. Nesses versos, temos o indício de que ela tinha o hábito de ler os mesmos escritores que os homens liam; tanto que se sentiu “cansada” deles. Da mesma forma, a obra *The Tenth Muse, Lately Sprung Up in*^{ix} (1650), da poeta também de classe média Anne Bradstreet (1612-1672), revela um repertório de leitura extenso, sendo a influência da tradição poética elisabetana e da cultura retórica humanista evidente em seus poemas. Nos primeiros anos de vida de Bradstreet até seus 16 anos, seu pai, Thomas Dudley (1576-1653), trabalhou como administrador na casa do conde de Lincoln e a família tinha boas condições financeiras. Desta forma, a poeta teve acesso aos muitos livros da coleção do conde, bem como da biblioteca de seu pai. Além dessas autoras, muitas outras – algumas das quais citarei mais adiante – produziram obras que, explícita ou implicitamente, nos revelam seu hábito de leitura de variados assuntos, tais como religião, história, política, medicina, dentre outros.

Entre as mulheres da nobreza, a leitura era comum. Apesar de não frequentarem as *grammar schools* – escolas de ensino fundamental inglesas, para rapazes – e nem as universidades, as mulheres, em sua maioria as de classe alta, tinham acesso à educação por meio de tutores. Richard Mulcaster (1531-1611), pedagogo humanista inglês, defendeu em seu tratado, *Positions Concerning the Training Up of Children* (1581), o direito das mulheres à educação até por volta dos catorze anos e, apesar de não achar conveniente que mulheres fossem inseridas nas *grammar schools* e nas universidades por não ser o costume de seu país, não negou a possibilidade, dependendo da necessidade de cada uma, de que continuassem seus estudos mesmo após essa idade. No que diz respeito às mulheres de classe média, embora em menor número, é possível identificar alguns casos de escritoras que, pela variedade de assuntos abordados em suas obras, também puderam adotar o hábito da leitura de textos de autores clássicos e contemporâneos, não somente escritos na língua vernácula, mas também em outros idiomas. Além dos exemplos de Isabella Whitney e Anne Bradstreet, há outras mulheres escritoras de classe média as quais podemos consultar para que tenhamos acesso ao que era lido por elas. Emelia Lanier (1569-1645), filha de um músico da corte de Elizabeth I (1533-1603), publicou, em 1611, uma coleção de poemas intitulado *Salve Deus Rex Judaeorum*, na qual encontramos o poema em defesa das mulheres, “Eve’s Apology in Defense of Women”, e diferentes poemas dedicados às mulheres que a inspiravam, bem como um poema que reconta a história da crucificação de Cristo pela perspectiva feminina. Outros exemplos de autoras da classe média são Anne Locke (1530-1590) e Margaret Tyler (c.1540-c.1590), sobre as quais falaremos a seguir.

A tradução teve papel fundamental no projeto pedagógico humanista de disseminação de textos clássicos e religiosos e pode ser considerada um importante indicativo de que as mulheres receberam treinamento não somente na língua inglesa, como também em latim, francês, espanhol, entre outros idiomas. De acordo com a pesquisadora e antologista Anita Pacheco, “[...] em um período no qual a imitação era o princípio central da composição poética, a tradução era altamente estimada como forma de empreendimento artístico”^x (PACHECO, 2002, p. xviii). Além da tradução da obra, era comum que as autoras/tradutoras anexassem um ou mais textos de autoria própria, como, por exemplo, prefácios. *A Meditation of a Penitent Sinner*, de Anne Locke, publicado em 1560, contava com a tradução do sermão do teólogo francês João Calvino

(1509-1564) e um prefácio da autoria de Locke. Além de traduzir o texto, ela também produziu uma sequência de sonetos parafraseando a obra original. A autora é considerada a primeira pessoa a escrever uma sequência de sonetos na língua inglesa. Margaret Tyler publicou, em 1578, a tradução do romance *Espejo de príncipes y caballeros*, escrito originalmente em espanhol pelo autor Diego Ortúñez e publicado pela primeira vez em 1555. *The Mirrour of Princely Deedes and Knighthood* de Tyler, diferentemente de *A Meditation of a Penitent Sinner* de Locke, é um texto secular e seu gênero literário não era considerado o mais adequado para a leitura de mulheres. Em *The Education of a Christian Woman*, Vives repudia a leitura de romances de cavalaria, como o que foi traduzido por Tyler. O pedagogo cita alguns romances espanhóis que devem ser evitados por serem malignos, tais como *Esplandián* (MONTALVO, 1510) e *Armads* (MONTALVO, 1590), entre outros, todos do mesmo gênero. Tyler escreveu um prefácio defendendo o direito das mulheres de se debruçarem sobre gêneros literários tradicionalmente masculinos:

E se os homens podem e de fato concedem às mulheres seus esforços, então nós mulheres podemos ler as obras que nos dedicam, e se podemos lê-las, por que não ir além em busca da verdade. E mais ainda, por que não lidar com a tradução [...].^{xi} (TYLER, 2010 [1578], n.p)

Há ainda outras importantes autoras/tradutoras que foram recentemente trazidas a público pelos pesquisadores, tais como: Margaret More Roper (1505-1544), Mary Sidney (1561-1621), Elizabeth Cary (1585-1639), Mary Ward (1585-1645), Lucy Hutchinson (1620-1681), Katherine Phillips (1632-1664), entre outras. Elizabeth I (1533-1603) também produziu e traduziu textos literários. A popularidade da tradução entre as mulheres trouxe uma consequência interessante: além de serem responsáveis pela educação de seus filhos, tradutoras renascentistas inglesas também podem ser consideradas responsáveis pela educação de outras pessoas que podiam ler somente na língua vernácula: “Uma primeira contribuição para a educação daqueles que podiam ler apenas sua língua materna seriam as traduções que as mulheres fizeram de obras estrangeiras”^{xii} (CHARLTON, 2002, p. 16).

Além da tradução, mulheres escritoras do Renascimento inglês também produziram textos literários autorais em diversos gêneros. A seguir, alguns nomes e obras serão citados, com o propósito de ilustrar a diversidade da contribuição literária feminina

na modernidade nascente inglesa: Catherine Paar (1512-1548), rainha consorte da Inglaterra e da Irlanda, publicou seu primeiro livro, *Psalmes and Prayers*, em 1525, e seu segundo livro, *The Lamentation of a Sinner*, em 1547, sendo o segundo uma crítica às autoridades Católicas (MARTIN, 2010, p. 46); Anne Askew (1520-1546), mártir Protestante, além de poemas, escreveu um relato sobre os momentos de tortura que viveu na Torre de Londres, o qual foi editado pelo clérigo e historiador John Bale (1495-1563) e publicado pelo martirologista John Foxe (1546-1587) no seu livro de mártires Protestantes *Acts and Monuments* (1563); Anne Dowriche (1560-1613) publicou, em 1589, *The French Historie*, um poema de 2.400 linhas que narra as guerras religiosas francesas; em 1589, um panfleto feminista intitulado *Her Protection for Women* foi publicado sob o nome de Jane Anger, sobre a qual pouco é sabido, sendo informações biográficas meramente especulativas; Lady Mary Wroth (1587-1653) publicou seu *closet drama*^{xiii} pastoral *Love's Victory* em 1620, o romance *The Countess of Montgomery's Urania* em 1621, bem como a sequência de sonetos *Pamphilia to Amphilantus*, também em 1621; a Viscondessa Elizabeth Cary, além de traduções, publicou, em 1613, a peça *The Tragedy of Mariam, the Fair Queen of Jewry*; Rachel Speght (1597-?), filha de um pastor calvinista, publicou *A Mouzell for Melastomous* em 1617, uma refutação em prosa do texto misógino do panfletário Joseph Swetnam (?-1621), intitulado *The Arraignement of Lewde, Idle, Froward [sic] and Unconstant Women* (1615), e, em 1621, publicou uma coleção de poemas *Mortalities Memorandum With a Dreame Prefixed*, nos quais ela defende a educação das mulheres. Além dessas, diversas outras autoras podem ser encontradas também nas antologias citadas neste artigo e cujas obras estão disponíveis *on-line* como domínio público.

É importante destacar que Woolf não desistiu das contemporâneas de Shakespeare. Em 1940, como nos conta Brenda R. Silver em “‘Anon’ and ‘The Reader’: Virginia Woolf’s Last Essays” (1979), a ensaísta começou a fazer anotações em seu diário sobre sua intenção de produzir um *Common History Book*. A sua investigação contava com outras fontes de escritos femininos, como o diário de Elizabeth Cavendish (1527-1608) – também conhecida como Bess of Hardwick – bem como o diário de Lady Anne Clifford (1590-1676) “[...] ou quaisquer outras biografias elisabetanas”^{xiv} (SILVER, 1979, p. 358). É estimulante pensar que a escritora insistiu em buscar fontes femininas.

Com a escavação de manuscritos e publicações de autoras não somente da nobreza, mas também da classe média, é possível, hoje, ampliar a pesquisa.

Se Virginia Woolf pudesse ter lido as tantas obras de autoras mulheres da modernidade nascente inglesa hoje disponíveis, talvez tivesse criado diferentes nuances para a história de Judith Shakespeare e, quem sabe, seu final pudesse ter sido menos trágico. Certamente, as mulheres do Renascimento inglês não tiveram as mesmas oportunidades que os homens, mas hoje temos evidências de que a falta de oportunidade e o escárnio não foram suficientes para impedi-las de contribuir com a literatura de maneira plural. Decerto, o contexto social, histórico e cultural em que viveram, impossibilitou que essas autoras tivessem recebido o renome de William Shakespeare, mas já não podemos dizer que elas não existiram. Ainda assim, é desejável que a visibilidade dessas autoras se torne mais expressiva e que elas ocupem mais espaços. Para que o trabalho dessas mulheres seja mais amplamente divulgado, é necessário que mais pesquisa seja feita, que mais material seja elaborado, e que haja tradução das obras literárias para que sejam acessíveis a mais leitores. Trazê-las a público no Brasil certamente representa uma ampliação relevante da circulação de suas obras. Concordo com Woolf e com Trevelyan: personagens de Shakespeare retratam a figura feminina de uma forma plural, ousada, transgressora e, definitivamente, elas são repletas de personalidade, inteligência e complexidade, mas é necessário, não só para a História da Literatura Feminina, mas como para a História como um todo, que possamos ler a mulher – como era de interesse de Woolf – e não somente sobre a mulher; ler o que elas têm para nos contar.

Referências

CASTIGLIONE, Baldassare. *The Book of the Courier*. Tradução: Leonard Eckstein Opdycke. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1901 [1528].

CHARLTON, Kenneth. Women and Education. In: PACHECO, Anita (org.). *A Companion to Early Modern Women's Writing*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 3-21.

EZZEL, J. M. Margaret. Women and Writing. In: PACHECO, Anita (org.). *A Companion to Early Modern Women's Writing*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 77-94.

MARTIN, Randall (org.). *Women Writers in Renaissance England: An annotated anthology*. Harlow: Pearson education, 2010.

PACHECO, Anita. *A Companion to Early Modern Women's Writing*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

PRESCOTT, Anne L.; TRAVITSKY, Betty S. *Female and Male Voices in Early Modern England: An Anthology of Renaissance Writing*. Nova York: Columbia University Press, 2000.

SILVER, R. Brenda. "Anon" and "The Reader": Virginia Woolf's Last Essays. *Twentieth Century Literature*, Durham, v. 25, n. 3/4, p. 356-441, 1979.

SONDERGARD, L. Sidney. *Strategies of Rhetorical Violence by Early Modern English Women Writers: Sharpening Her Pen*. Londres: Associated University Press, 2002.

TYLER, Margaret. The Mirroure of Princely Deeds and Knighthood. In: MARTIN, Randall (org.). *Women Writers in Renaissance England: An annotated anthology*. Harlow: Pearson education, 2010 [1578], p. 16-24.

VIVES, L. Vives. *The Education of a Christian Woman*. In: FANTAZZI, Charles (org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2000 [1523].

WHITNEY, Isabella. A Sweet Nosegay, or Pleasant Posy. *Student Editions*. Disponível em: <http://sjsteen.blogs.plymouth.edu/files/2008/04/a-sweet-nosegay.pdf>. Acesso em 8 jun. 2022.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, c1928.

Recebido em: 08/06/2022

Aceito em: 08/08/2022

ⁱ "[...] when a woman is born, it is a defect or mistake of nature, and contrary to that which she would wish to do: as is seen also in the case of one who is born blind or halt or with some other defect".

ⁱⁱ Todas as traduções para o português são de minha autoria, exceto aquelas indicadas nas referências bibliográficas.

ⁱⁱⁱ "A woman should live in seclusion and not be known to many".

^{iv} "She will keep her eyes cast down, and will raise them but rarely and with modesty and decorum".

v “As for the intellectual capacity of women, Vives makes no distinction between male and female and even says that the woman often surpasses the man in this respect”.

vi “The oft-cited injunction that women should be chaste, silent and obedient and confine their creative work to needles and threads rather than pen and paper can no longer be taken as an accurate delineation of women’s participation in early modern literary culture”.

vii “By the turn of the sixteenth century most women in the upper and middle classes were able to read and write in a functional way”.

viii “I straight were weary of those Books, / and many other mor[e,] / As VIRGIL, OVID, MANTUAN / which many wonders [bor]e”.

ix Anne Bradstreet nasceu e cresceu na Inglaterra, porém imigrou para a América do Norte aos 18 anos. Por isso, o livro se intitula *The Tenth Muse Lately Sprung Up in America*.

x “[...] in a period in which imitation was a central principle of poetic composition, translation was highly valued as a form of artistic endeavour”.

xi “And if men may and do bestow such of their travailes upon Gentlewomen, then may we women read such of their workes as they dedicate unto us, and if wee may read them, why not farther wade in them to the search of a truth. And then much more why not deale by translation [...]”.

xii “A first contribution to the education of those who could read only their native tongue would be the translations that women made of works in foreign languages”.

xiii Peça que não se destina a ser executada no palco.

xiv “Lady Ann Clifford or any other Elizabethan biographies”.